

ção natural”, quando a tradução mais fácil e cabal seria: “observar a seleção natural em processo ou em ação ou atuando”. Na pág. 338 (linha 11) traduzem “to mix” por “misturar-se” em lugar de “cruzar-se” ou “acasalar-se”. Na figura da pág. 399 — referente a um gibão, um gorila e um macaco cuatá — traduzem: “O gibão e o gorila balançam os braços — braquiados”, frase que fica sem sentido, quando a tradução correta seria: “O gibão e o gorila se deslocam balançando-se pelos braços — braquiam” (verbo referente à locomoção por braquiação, comum aos antropóides, e que consiste em se deslocarem por entre os galhos das árvores, pendurados pelos braços e fazendo movimentos oscilatórios, o que lhes permite passar de um galho a outro, razão pela qual êsses primatas apresentam um tão grande desenvolvimento dos braços. Portanto: braquiação, braquiar, braquiadores). Mas, não é necessário prosseguir.

*Gioconda Mussolini*

G. G. GRANGER — *Pensée Formelle et Sciences de l'Homme*, Aubier, Paris, 1960.

Na portada de seu livro, o Prof. Granger enuncia o propósito de debater o que afirma ser o problema fundamental da filosofia das ciências, o da formalização do pensamento, à luz do criticismo kantiano. Mais além, destaca, como fundamento do trabalho, um dos *Primeiros Princípios* de Kant: “A teoria da natureza não contém ciência propriamente dita (pura) senão na medida em que nela se contém as matemáticas”. Propõe-se demonstrar a validade desta sentença quando aplicada às ciências do homem. Mas não é mais possível conceber as formas matemáticas como simples tematizações dos esquemas imanentes à percepção do sensível. A orientação neo-positivista que vê na ciência uma linguagem bem feita se revela insatisfatória. Granger segue a lição de Husserl, que levou a epistemologia a pesquisar simultaneamente em dois planos, o da linguagem e o do objeto, pondo em relêvo o problema essencial da articulação do *logos* e do mundo concreto.

“Pensée formelle et sciences de l'homme”, no entanto, não presume ser uma convocação das ciências humanas frente ao tribunal da lógica para que se examinem a autenticidade dos métodos que empregam. Ao contrário, firma-se num conceito de *praxis* que designa no vocabulário marxista o conjunto das atividades humanas que concorrem para o desenvolvimento da vida social concreta. Refletindo sobre o curso das ciências do homem na nossa época, que não espera as palavras de ordem da epistemologia, procura compreender a especulação formal como um momento da *praxis*, que se articula, segundo modalidades a serem investigadas, com as outras atividades que constituem esta. Tarefa difícil, pois que a prática científica é com freqüência incoerente, e quase sempre inclinada aos excessos, seja de formalismo, seja de empirismo.

Granger assinala um preconceito que prejudica a apreciação do valor do formalismo nas ciências, e que consiste em imaginar que a matematização consista unicamente na aplicação dos instrumentos analíticos utilizados habitualmente pelos geometras. Nas disciplinas que tratam do homem, faz-se mister descobrir estruturas novas, que requerem a elaboração de matemáticas originais, em muitos casos. E' à apreciação de algumas tentativas desse gênero que se consagra a maior parte do livro.

O capítulo II (“La langue comme véhicule d'information”) e o III (“Langues scientifiques et formalismes”) versam sobre a comunicação e a linguagem, entendida não só como idioma, mas como língua formalizada das ciências. São particularmente sugestivas as páginas dedicadas à influência da escrita e à evolução dos símbolos químicos.

O que nos parece o ponto crucial do livro é o capítulo IV (“Le découpage des phénomènes”), em que se estabelece com lucidez a distinção entre “recorte” formalista e “recorte” operacional dos fenômenos, a qual justifica as teses avançadas nas primeiras páginas. Tomam-se à lingüística os dois exemplos mais longamente estudados, a fonolo-

gia, a partir de Saussure (primeiro caso) e "language engineering" (segundo caso). São também tratadas, embora com brevidade, a noção de estrutura social num artigo de Lévi-Strauss, a "operational research" e teoria das filas, bem como as teorias do aprendizado como jôgo dinâmico.

Os capítulos seguintes, os mais puramente lógicos do livro, são por isso mesmo leitura mais árdua para o não-especialista. A tese central do V, "Qualité et quantité", é que a tendência científica atual é de pôr em relêvo a qualidade do objeto, por oposição à qualidade da vivência. E, ainda, que o conceito de qualidade mais e mais se integra no de estrutura. As pesquisas de Lazarsfeld e Stouffer são o principal exemplo tomado às ciências sociais. Granger não hesita em trazer à discussão problemas de matemática pura que importa esclarecer nesse contexto. A noção matemática de estrutura de ordem introduz o tema da estruturação e axiomatização, objeto do capítulo VI.

Neste, o parágrafo 3, "Modèles énergétiques et modèles cybernétiques", propõe uma conceituação de modelo original e extremamente interessante, o sentido e funções da axiomatização nas matemáticas, nas ciências naturais e nas ciências do homem. O princípio condutor da reflexão, aqui, pode ser revelado numa citação: "À medida em que, ao nos afastarmos do paradigma matemático, mergulhamos cada vez mais no domínio empírico e nos aproximamos do paradigma histórico que domina o conhecimento científico do homem, o caráter instrumental e heurístico". Em conclusão, preconiza-se o abandono de uma filosofia da consciência em favor de uma filosofia do conceito.

Ligando-se a essa posição, o capítulo final, "Connaissance de l'individuel", se abre pelo comentário de um texto de Hegel. Mas a *praxis*, que refuta o idealismo, deve dirigir-se ao individual. Mesmo neste terreno não se escapa ao estruturalismo, representado pela psicanálise, como tentativa de configuração clínica. Ressaltando a validade da teoria freudiana, Granger demonstra flexibilidade de espírito. Um tanto inesperada é sua caracterização da história como "clínica sem prática", que certamente causará espécie no país de Marc Bloch, Lucien Fèbvre e Fernand Braudel, para mencionar uns poucos. Também o marxismo, em que se inspira o autor, se coaduna mal com esta posição.

E a Antropologia? Lévi-Strauss, já se disse, detém sua atenção por alguns momentos. Do mesmo modo Kardiner (cujo *status* é ambíguo), é criticado com inteligência, se bem que de passagem. Quem se abalança a escrever uma obra de escopo tão vasto tem o direito, é evidente, de limitar-se como bem lhe parece. Mas, nas conclusões finais, lê-se esta passagem: "...nosso ensaio levanta a pretensão... de tomar lugar nessa disciplina do futuro, que seria uma "poiémática", ao mesmo tempo ciência, história e filosofia das *obras* humanas". (pág. 214). Ora, a "Scienza Nuova" de Vico, publicada pela primeira vez em 1725, e constantemente refeita até 1744, é uma filosofia da "poiética", entendida como capacidade criadora do homem que forja sua história. Os cem anos que medeiam entre L. H. Morgan e Lévi-Strauss viram nascer e desenvolver-se uma ciência das obras humanas, cujos resultados não são de todo negligenciáveis. (Ou, pelo menos, seria necessário provar que o são). Neste campo, pois, o Prof. Granger é um arauto que anuncia um cortejo já em marcha há séculos.

Ruy Coelho

MARGARET CLARK: *Health in the Mexican-American Culture: A Community Study*. 253 págs. The University of California Press. Berkeley e Los Angeles, 1959.

Nos últimos anos, principalmente, tem-se intensificado a colaboração entre médicos e antropólogos, com a participação destes últimos em debates, conferências, congressos e cursos sobre problemas de saúde pública, paralelizando um movimento de extensão da